



Tiririca

Humorista e deputado federal

A sina de um palhaço que se permite a mistura de papéis no picadeiro da realidade

O picadeiro é o como uma moeda. Dois lados que compõem a magia do riso, do improvviso. A questão é: o visível e o oculto. A plateia tem acesso ao que está ali, à frente das cortinas, sob as luzes e os holofotes. Por outro lado, literalmente, existe a coxia (a parte de trás, dos bastidores). Ali, os espectadores não sabem o que se passa. Supõem. Assim é esse universo, construído na mescla entre o que (achamos que) vemos e compreendemos e o que supomos haver.

Francisco Everardo Oliveira Silva, o Tiririca, é um palhaço que carrega isso. Talvez porque quem se arrisca no palco precise ter um pouco da dualidade tão inerente a esse espaço. O País inteiro o conhece e reconhece. Mas será que o enxerga, de fato? Sob os olhares da sociedade, Tiririca está no palco: é alegre e extrovertido. Faz o tipo brincalhão. É uma criança crescida. E na intimidade? O palhaço dá lugar à seriedade. Vira gente grande. É autêntico, não dá espaço para brincadeiras sem pertinência.

A arte de aventurar-se nesse ambiente é para poucos. Tiririca teve coragem para enfrentar uma situação adversa desde muito cedo. Dificuldades de toda a ordem, da fome a agressões físicas. Ele não só aprendeu sobre circo, mas também a amar o picadeiro. O objeto que odiava passou a ser o trabalho para ganhar o pão. E, quem diria, que ele apresentaria um dom tão singular para arrancar risos. Talvez não desse tão certo se não tivesse aprendido a essência da arte circense, que traz muito da alegria que Tiririca transmite.

No próprio discurso, transparece que a inspiração para a personagem são as crianças. Tiririca incorpora a criança que pouco tivera a oportunidade de vivenciar. Uma armadura. No início da carreira, escondia-se atrás da pintura, da peruca e do nariz verme-

lho para dizer o que lhe vinha na telha. Pretexto? Esperteza. O personagem passou por mudanças físicas ao longo dos anos, sem perder, contudo, a ingenuidade e a capacidade de surpreender.

Franqueza também ajuda a compor esse palhaço. Não há espaço para o meio-termo no espetáculo. Ou o artista é, ou não é. Tiririca afirma que é autêntico. Mais que isso, mostra. Palavras e gestos enfatizam isso. É preciso convencer o público de que ele, o artista, é quem comanda a atração. Ele tem nas mãos as rédeas do tempo, da piada, da deixa para o colega que aguarda a entrada em cena. Sem força e comando, perde a mão e o espetáculo desanda.

Tiririca é inquieto. Fala, levanta-se, tampa e destampa a garrafa d'água. O marasmo não condiz com as atitudes dele. Mas não quer só mudar uma situação: assume a mudança e chama a responsabilidade. Como um artista versátil, que busca migrar do trapézio para o show de mágicas. Viu na política a chance de mais uma piada e marketing profissional. A brincadeira era evidente, menos para a sociedade, que não levou o palhaço a sério. Elegeu-se e tem feito malabarismo em relação aos descrentes quanto ao mandato. Tem respondido com assiduidade e trabalho.

Com texto na ponta da língua e verdade na voz, o artista busca convencer a plateia. Está no palco, sem esquecer-se da coxia. Tiririca é essa dualidade: alegre para o público, sério quando tem de ser sério. Uma divisão que prescinde de maniqueísmo. Mas, envolta nessa mistura da realidade dos picadeiros (o visto e o oculto), está a personalidade de Everardo. Ou seria Tiririca? A essa altura da vida, são como um cenário bem edificado de uma cena. São um só. Um não vive sem o outro, mesmo com o apagar das luzes e o fechar das cortinas. O artista é onipresente.

Ficha Técnica

Equipe de Produção:
Marcello Soares
Thaís Brito

Entrevistadores:
Alissa Carvalho
Beatriz Ribeiro
Camila Mont'alverne
Ed Borges
Larissa Sousa
Marcella Macena
Marcello Soares
Murilo Viana
Thaís Brito
Thamires Oliveira

Fotografia:
Diego Sombra

Texto de abertura:
Marcello Soares



Entrevista com Tiririca, dia 29 de janeiro de 2013.

Marcello – Tiririca, a influência do circo na sua vida se deve muito à sua mãe, dona Maria Alice, que desde cedo se desdobrou em várias funções como artista para sustentar você e seus irmãos. Durante uma pré-entrevista, seu irmão Hélio contou que ela fazia de tudo para que vocês não dormissem sem um prato de comida. O que você aprendeu com a personalidade e a força da sua mãe?

Tiririca – (pausa) Eu... Aprendi tudo. Eu sou um cara muito *pra* cima, muito alegre, mas uma coisa que me toca muito é justamente falar sobre a minha infância e sobre a minha mãe. Isso acaba comigo, porque ela é tudo na minha vida... Minha mãe é fantástica! Até hoje ela não mudou, entendeu? Ela é a mesma. Eu chamo ela de "neguinha". Ela é minha "neguinha". Sempre fez de tudo, e faz até hoje, *pra* ter os filhos próximos e *pra* que não falte nada *pra* gente. Ela ainda tem isso, e é um negócio bacana, é um negócio legal. É tanto que moram com ela... Todos eles moram com ela! Mamãe é um negócio louco: o meu sonho era comprar uma casa *pra* ela, e eu consegui. Com o primeiro dinheiro que eu ganhei, eu comprei a casa *pra* ela. Era meu sonho... Foi bacana *pra* caramba, foi uma coisa linda! E, logo em seguida, eu fiz sucesso com "Florentina" (*música lançada em 1996*) e tive de mudar *pra* São Paulo. E, na época, ela disse que o sonho dela era morar em São Paulo. E eu peguei e comprei uma casa em São Paulo *pra* ela. Ela vendeu a casa daqui e foi *pra* São Paulo. Eu tive de mudar de São Paulo e ir *pro* Rio (*Rio de Janeiro*), porque... Programa de televisão e tal. Ela disse: "Meu sonho, meu filho, era conhecer o Rio, ir *pro* Rio de Janeiro"... Por causa das praias e tudo. Eu comprei uma casa no Rio, e ela vendeu a de São Paulo. (*risos*) Fiquei no Rio... E voltei *pra* São Paulo de novo. Ela disse: "Filho, eu tive pensando aí... E eu acho que tenho de voltar *pra* São Paulo. Não posso morrer sem voltar *pra* São Paulo". Porque ela queria todo mundo próximo dela, pertinho dela! Eu disse: "Mamãe, *pra* São Paulo não dá, porque eu tô fazendo uma casa no interior do Rio". Ela disse: "É... Meu sonho, meu sonho... A região dos Lagos, aquelas praias tranquilas" (*risos*). E

eu comprei um negócio *pra* ela, *pra* lá (*região dos Lagos*). Ela ficou foi tempo, até agora. Até o quê? Um ano? Não, menos de um ano! Eu fui *pra* Brasília, ela queria morar em Brasília. E eu disse: "Não, mamãe. Em Brasília, eu estou apenas deputado. Não vou seguir essa coisa. Vou aproveitar essa oportunidade, vou ficar, mas não vou seguir esse lance. E eu tô comprando um terreno em Fortaleza". Ela disse: "Ô, meu filho, meu sonho é voltar *pra* Fortaleza" (*risos da turma*). E eu comprei uma casa *pra* ela em Fortaleza. Eu montei uma casa aqui, *pra* mim e pros meus filhos, e é próxima à dela, pertinho. E ela tá pegando a galera toda e trazendo *pra* cá. É ali em Caucaia (*município da Região Metropolitana de Fortaleza*). É bem legal, bem bacana! E ela viajou até *pro* Rio agora, *pra* pegar o restante da galera, *pra* trazer. Já estão morando dois irmãos meus... Três irmãos meus com ela (*corrigindo*), e mais uma porrada de filho, que é neto dela! E é isso, ela é assim, sempre lutou pela família, não parou de ser ela. Ela não tem medo de ser assaltada, de falar que é mãe do Tiririca... Ela anda *pra* tudo quanto é canto, e tu não acredita! Ela fala *pra* ti que é (*mãe do Tiririca*) e tu não acredita! Porque ela se veste de qualquer jeito, anda de qualquer jeito. Ela é muito massa, muito legal! Ela não perdeu aquela coisa que é muito difícil uma mãe de artista ter, que é essa simplicidade... Ela não perdeu esse pé no chão. Isso é fantástico! Eu, às vezes, discuto com ela *pra* dizer: "Mãe, não é assim, tem perigo". Ela diz: "Ah, que porra! Só porque tu é conhecido! É Tiririca..." (*risos da turma*). Ela é bem nossa, bem cearense, fala umas coisas: "Agora não pode só porque é mãe?". Ela tem esse lance. Isso é legal.

Thaís – Como era a relação com o Fernando, o seu padrasto?

Tiririca – Eu estava até falando agora *pro* João (*João Paiva, contratado pelo gabinete e considerado como o "braço direito" de Tiririca*), que eu sonhei com ele (*padrasto*) ontem e hoje. Eu não gosto dele de jeito nenhum, a gente não se gosta. Mas eu não tenho ódio dele. Mas a gente nunca se bateu. Ele batia muito na minha mãe, eu apanhava muito desse cara... E eu não gosto dele. Não é porque o

Tanto Marcello quanto Thaís pensaram em sugerir Tiririca para ser entrevistado desde que souberam que integrariam a equipe da Revista Entrevista. Combinaram que Thaís defenderia a escolha do humorista na votação dos nomes para a edição.

No dia de escolher os entrevistados, Tiririca foi o mais votado. Marcello e Thaís resolveram então ficar com a produção da entrevista e tentar entrar em contato com o deputado. Logo Marcello conseguiu o número de Edit Silva, assessora de Tiririca.

Desde a escolha até a confirmação da entrevista, a dupla conversou com Edit por quase um mês. Uma primeira data foi marcada para 14 de dezembro. Dez dias antes, Edit telefonou: "Vixe, Marcello. Nossa entrevista gorou!"

cara morreu... E, assim, ele morreu "na altura" dele. Deus me perdoe! Eu sou um cara que acredita muito em Deus, eu tô falando aqui a real. Ele morreu porque um caminhão passou por cima da cabeça dele. Foi uma morte triste, que *pra* ele foi... Foi legal. Foi legal porque ele não acreditava em Deus, esculhambava Deus. Batia na minha mãe, apanhei demais desse cara! Ele pegou a minha mãe com dois filhos, eu e o Evandro (*irmão de Tiririca, segundo filho de dona Maria Alice e já falecido*). Nós dois éramos muito chegados, irmãos mesmo. Ele (*padrasto*) não aceitava, porque naquela época era muito difícil aceitar uma mulher com dois filhos de outro. E ele aceitou, mas me maltratava muito! O Evandro, não, porque ele sabia levar direitinho, era mais novo do que eu. Mas eu não entendia, cara, porque eu apanhava daquele jeito! E tratava a gente: "Esses 'nêgo', vão ser tudo ladrão e maconheiro". E eu tinha uma revolta contra ele: "Quando eu crescer, eu vou matar esse bicho...", eu falava essas coisas. Com 15 anos, eu vi ele batendo na minha mãe. Eu vinha chegando do futebol, e quando vi estava aquela confusão no circo: ele batendo nela, puxando os cabelos dela, arrastando pelo chão. Com 15 anos, eu perdi o medo. E parti *pra* cima, fui na porrada com ele: "Você não bate mais na minha mãe!", saímos na mão. Eu cheguei *pra* minha mãe e falei: "Olha, se a senhora deixar esse cara, eu seguro a onda, eu sustento a família." Porque eu já era artista, trapezista, malabarista, palhaço... Já era artista de circo. Ela disse: "Meu filho... Eu te amo, mas ele quem me deu um nome, e eu o amo muito..." Então, eu saí de casa, com 15 anos. Peguei uma mochila dessa cor (*aponta para a toalha da mesa*), que era do Exército, que um amigo tinha me dado. Botei minhas coisinhas dentro e saí, fui *pra* outros circos e deixei ela.

Marcello – E quando é que você descobriu que o Fernando não era seu pai biológico?

Tiririca – Desde o começo. Ele me batia e falava, passava mesmo na cara. E ela (*a mãe*) tentava esconder: "Não, meu filho, é só a cabeça quente, porque tá faltando o cigarro dele". Mas ele batia e falava, e eu não sou otário. É tanto que nós chegamos ali (*refere-se*

ao corredor do Teatro José de Alencar, local onde foi realizada a entrevista), eu vi o Trepinha (*o mais antigo palhaço em atividade no Ceará em 2012, ano em que faleceu aos 85 anos*), que dizia que era meu pai. Eu vi a foto dele. Parece *pra* caramba comigo! Eu passei muito tempo querendo conhecer meu pai, por causa desse lance todo que passei... Eu queria conhecer meu pai, mas ela (*a mãe*) nunca me falou. "Não, seu pai é ele (*Fernando*) aqui! Ele que lhe deu um nome". Eu cheguei aos 28 anos ainda querendo conhecer meu pai. Depois, pensei: "Porra, não quero mais conhecer não". Mas o João (*João Paiva*) falou: "Se eu fosse você, fazia um teste de DNA"... Porque tem bem uns três ou quatro que dizem ser meu pai! (*risos da turma*). E ela (*a mãe*) falou que era o fulano de tal, o Joãozinho lá não sei de onde... Beleza, mas a essa altura não interessa mais. A essa altura do campeonato, faltando dois anos *pra* completar 50 anos... Eu não quero mais saber disso, quero viver minha vida. Assim, a gente (*volta a falar sobre o padrasto*) nunca se gostou. Mas ele viu o meu sucesso. Filho da puta morreu depois de ver meu sucesso. Eu ajudei ele várias vezes. A mamãe começou a pisar nele, eu cheguei *pra* ela e disse: "Mãe, não se paga o mal com o mal". Ele, já velho, chegava *pra* mim, chorando: "Everardo, tenho de conversar com a tua mãe. Ela tá me chamando de ladrão". Ele estava fechando show *pra* ela, e ela falava essas coisas com ele: "Esse filho da puta tem que pagar o que fez comigo!" "Mamãe, não é assim". Juro *pra* ti, tô falando do fundo do meu coração o que tô dizendo. Ajudei ele financeiramente. Ele viu meu sucesso. No enterro dele, eu não vim, não vou acender vela... Acredito muito em Deus, mas não é porque o cara morreu que eu vou... Entendeu? Não gosto dele, não me entra.

Alissa – Você falou que era muito próximo a um de seus irmãos...

Tiririca – (*interrompendo*)... Isso, a esse... O Evandro.

Alissa – E como era a relação, quando você era criança, com seus outros irmãos?

Tiririca – Não teve. Nós não tivemos relação nenhuma porque, como eu era o homem da família, o artista do circo, eu não tive infância. A realidade é essa. Eu só tive mais contato com esse irmão (*Evandro*), porque a gente achava que fosse filho do mesmo pai. E acabei descobrindo que a gente não era filho do mesmo pai. Ele me entendia e me aconselhava *pra* caramba. Eu dizia: "Eu vou matar esse cara (*refere-se ao padrasto, Fernando*)". Ele me chamava de "Auáúá": "Auáúá, não faz isso. Você tem muita fé em Deus". A gente era muito irmão. Foi tanto que, quando ele morreu, ele ia completar sete anos, eu já devia ter

"Eu cheguei pra minha mãe e falei: 'Olha, se a senhora deixar esse cara, eu seguro a onda, eu sustento a família'"

Participando de uma mesa-redonda na Semana de Comunicação da UFC, a equipe de produção descobriu que um dos palestrantes era amigo de Hélio, irmão mais novo de Tiririca. O contato foi feito no dia seguinte, assim como uma pré-entrevista.

oito ou nove anos. Eu ficava sonhando com ele, porque eu não fui no enterro. Eu achava que ele não tinha morrido, eu não acreditava. É tanto que é uma coisa que me bate... Quando fala no nome dele, eu fico meio... (pausa) Porque ele era meu amigo. Com os outros irmãos, eu não tenho essa coisa. Não sei se é porque foi pai diferente... Eles enxergam de uma maneira, e eu de outra. Eu respeito todos, eles me respeitam. Mas, sabe? Não bate! Nós não temos diálogo.

Larissa – Como era a sua rotina no circo? Você gostava do ambiente?

Tiririca – Não. O circo foi uma necessidade. Eu não gostava de circo, e minha mãe vivia nesse negócio de circo, junto com esse cara (o padrasto), porque ele era locutor e palhaço. E minha mãe me pegou da casa dos pais adotivos dela, que moravam na Aldeota (bairro de Fortaleza). Ela me deu pra família e, depois, me roubou da família. Roubou mesmo. Ela me pegou num murinho lá e me levou. Deu polícia e tudo, eu era novinho... Mas depois os pais adotivos dela deixaram pra lá, porque não queriam ela presa. É uma história que eu nunca contei! Era pra eu ser um médico, sei lá... Mas Deus sabe o que faz. Ela me pegou, e eu não gostava do circo. Ia pra lá e não gostava. Eu não gostava dela se apresentando no circo, eu tinha vergonha! Ela dançando, e o pessoal jogando dinheiro pra ela... Eu tinha vergonha. Era totalmente contra. Um outro irmão já adorava: "Olha minha mãe, que linda!". Mas ela me pegou (refere-se ao episódio em que a mãe tirara-o do convívio dos avós). Era meu mundo agora, não tinha outra coisa a fazer. Fui aprendendo. Via os trapézios, os caras andando no arame... Pegava e subia só. E fui tomando gosto pela coisa. Mas, a princípio, eu não gostava. "Não, ficar de mudança é uma loucura, não ter um lugar certo pra morar...". E eu tinha conforto lá (na casa dos avós), meu quarto, tudo direitinho.

Eu não durmo. Tenho insônia por causa do circo. Porque o circo é à noite. Depois, eu passei a ter circo. Então, eu ficava vigiando pra não tocarem fogo no circo. Porque, à noite, é que acontecem as coisas, você arma o circo em lugares perigosos... Tipo, Bom Jardim, Pirambu (bairros da periferia de Fortaleza). Na época, eu armei muito circo (nesses bairros). Eram bairros perigosos na época, não sei (se são) hoje. Então, "neguinho" vinha do funk, do forró e jogava fogo, pedra... E eu ficava vigiando. Ficava com um pedaço de pau na mão, arrodando o circo e cantando, pro pessoal ver que tinha gente acordada. Eu não ia resolver nada... Uma porrada de gente daquela ia meter o pau em mim e pronto! (risos da turma) Mas eu fazia isso. Aí, troquei: passei a dormir durante o dia, e à noite, não. Eu dirijo a noite



toda! Se eu for viajar, eu pego o carro e me mando, a noite toda. Quando amanhece o dia, 6h30min ou sete horas, o sono bate! O lance da política tá sendo ruim pra mim por causa disso. Porque de manhã é a hora que eu vou dormir e a hora que eu tenho de acordar. Por dia, eu durmo uma ou duas horas. Mais que isso, não. Isso é ruim, é horrível.

Camila – E por que, aos oito anos, você foi escolhido pra substituir o palhaço do circo?

Tiririca – Era um circo lá... Faltou o palhaço oficial, ele brigou com os donos e saiu. O dono do circo pegou eu e o filho dele, pintou a nossa cara e perguntou se eu tinha coragem. "Beleza, vamos lá!". Mas, por eu ser um cara muito revoltado, por não conhecer meu pai, por ser criado por padrasto... Não ter infância nenhuma... Por isso esse apelido Tiririca, porque eu era muito revoltado. Fomos eu e ele. Eu arranquei mais risos que o filho do cara. Eu achei isso legal: "Caramba, arranquei riso da galera. O pessoal riu dessa coisa que eu disse, dessa besteirinha". Eu sou muito criativo. Gosto de criar as coisas e ser diferente. Mas eu passei pouco tempo (como palhaço). Só com 15 anos que eu voltei a pintar a cara de palhaço. Fiquei pouco tempo (como palhaço), até uns nove anos. Decidi, de nove a 15 anos, ficar na ginástica. Trapézio, saltos, arame, dez passos da morte... E palhaço nada, porque eu tinha encostado. Com 15 anos, eu queria aparecer: cabeludão, cabelo grande, pessoal de circo tem essas coisas. Tinha, né? Não sei se ainda tem. Cabelão, brinco... Eu uso brinco, mas (na Câmara dos Deputados) não pode. Mas isso aqui (aponta para a orelha esquerda) faz é tempo que é furado. E, na época, usar brinco era coisa de baitola, e tinha o lance do circo... Mas eu gosto de ser diferente.

Dois músicas de Tiririca, "Um amigo é pra acudir outro" e "Leite Ninho", foram exaustivamente tocadas na viagem de Réveillon de Marcello, Thais, Marcella e Larissa.

Toda a turma viu participações do palhaço em alguns programas de televisão: "Show do Tom" e "Escolinha do Barulho" (Rede Record), "A Praça é Nossa" (SBT) e "A Vila do Tiririca" (TV Manchete).

No mês de dezembro, a equipe temia que a entrevista não desse certo. A agenda do deputado estava lotada de compromissos políticos. A solução foi esperar que ele viesse a Fortaleza em janeiro, período de recesso parlamentar.

Eu queria aparecer para as gatas, o corpinho bem bonitinho, todo invocadinho... (*risos da turma*). Quando eu tinha 15 anos, um cara do circo me chamou: "Tu não tem coragem de ser palhaço, não? O fulano de tal aqui não vai vir hoje" "Sim, vamos lá!". Eu arranquei riso. Eu já tinha 15 anos, mas eu me escondia atrás da peruca, da pintura. Quando tirava aquilo... Acho que era como o Sansão (*personagem bíblico*), com o lance do cabelo, né? Não era o Sansão, com a força no cabelo? Pronto, eu tinha força com aquilo ali. Eu usava aquilo *pra* colocar minha infância e falar o que eu tinha vontade de falar... Que eu, Everardo, jamais falaria. Sabe? Até hoje eu faço isso. Eu, de Tiririca, eu falo realmente o que o Everardo não falaria. Como Everardo, eu não chegaria para o Faustão (*Fausto Silva, conhecido popularmente como Faustão, apresentador de televisão*), na época, e dizia assim: "Cala a boca aí, papagaio!" E como Tiririca eu tinha essa coisa de falar, e ele não ia me levar a mal. Sabe? Chegar *pro* Carlos Alberto (*Carlos Alberto de Nóbrega, humorista e apresentador de televisão*) e dizer: "Cara, tu é um filho da puta!". Como Everardo, eu não vou falar um lance desse, mas como Tiririca, sim. E o cara ia rir. É o que eu faço, e a galera ri. Então, a minha infância eu jogo no personagem. Mas hoje eu tô mais Tiririca mesmo... É, tô mais assim.

Beatriz – Everardo, você falou que recebeu esse apelido, Tiririca, por ser revoltado, porque apanhava. Então, por que você decidiu adotar esse nome na sua carreira?

Tiririca – Eu achei bacana! Achei um nome forte, porque me explicaram que é uma planta filha da puta! Ela nasce no meio das coisas e não tem como acabar com aquilo, não. Só



Foi no final de dezembro que Edit confirmou a nova data: 29 de janeiro. A produção, que já havia desanimado um pouco, voltou a se empolgar com a história e a obra de Tiririca.

se tu acabar com a raiz, porque ela se alastra. Ninguém consegue acabar aquilo, entendeu? Eu disse: "É isso mesmo. Tiririca e pronto".

Alissa – Você disse que deixou de ter infância por causa do circo. Como é que isso influencia na sua vida hoje?

Tiririca – Hoje eu tenho infância. Eu quero que tu veja! Eu sou o cara mais canalha que você imaginar, até mais que o Tiririca! Eu faço coisas que o Tiririca não faz. E é ao contrário hoje. Eu fazia coisas que o Everardo não podia fazer. Hoje o Everardo faz coisas que o Tiririca não faz. É muito massa, sou muito canalha, muito brincalhão! Se eu for chupar pirulito, é um pacote de pirulito, e é só meu. Danoninho: agora não mais, porque tenho... Como é que chama? Gastrite! Agora faz mal. Mas antes tinha: eram meus danoninhos! "Isso aqui é meu, isso aqui é *pra* vocês" (*simula a explicação de como ficaria a divisão com os filhos*). Se acabasse o deles (*filhos*), Deus me livre aqui (*refere-se à sua parte da divisão*)! (*risos*) Eu comprava chocolate para todos, mas criança acaba rápido. Eu ia comendo aos poucos... Porque eu não tive infância! Então, se eu quero comer, eu como mesmo e *pra* me lascar mesmo! Nunca tive condições de comer. Uma vez, eu estava no Rio, comendo um chocolate escondido, macho! A minha filha mais velha chega: "Ei, pai!"... Chega eu tomei um susto! (*risos da turma*). "Comendo escondido, pai!" "Toma, menina, mas não fala pros outros não!", eu dei um pedaço a ela. Eu sou assim. E eles sabem que aquilo ali é meu, não pode mexer. Se for mexer, tem de pedir. Sou muito real, muito verdadeiro. Se tiver de dar bronca, eu vou dar. Eles me entendem *pra* caramba. Isso é legal. É muito massa, porque eles estão em outro patamar de vida, não passaram pelo que eu passei. Mas eu sempre coloco *pra* eles o que eu passei. Eles são outra cabeça, mas eu tento colocar isso.

Marcello – Mesmo trabalhando no circo da sua família, você chegou a se apresentar também em outros picadeiros. Por quê?

Tiririca – Sim. Eu deixei eles lá (*refere-se à família, que continuou no circo do padrasto*), porque a procura (*ao seu trabalho*) era grande. Porque foi espalhando, né? "Tiririca... O cara é completo. O cara é fantástico, o pessoal vai no circo por causa dele". É massa, macho. Aqui (*Fortaleza*) só tinha dois (*palhaços*). Todo circo que vinha *pra* Fortaleza ia assistir nós dois. Era eu e o palhaço Pimenta. Os dois melhores palhaços que tinha. A gente era disputado, era massa! Bicho, vinha a proposta e eu pensava: "Vou nessa". Tinha contrato, eles pagavam por semana. Eu passava uma temporada no circo, e por nada eu saía. Porque eu sou um cara muito... Tipo, se eu estou em um circo e, se tu não gostas de mim, eu não

me sinto bem com a tua presença. Eu não fico nesse ambiente. Fez mal, eu não fico. Eu vou ficar num canto que *tá* me fazendo mal? Eu não! Quero sair, eu vou sair. Eu chegava *pro* dono do circo, dizendo que ia sair. O cara dizia: "Mas o que foi?" "Não, não foi nada", porque também eu não sujava o cara não. Eu me afastava e pronto.

Alissa – O senhor disse, em uma reportagem da Revista Piauí, que o palhaço era a atração principal do circo...

Tiririca – (*interrompendo*)... No de porte médio, *né*? No "circão", não.

Alissa – Mas o senhor disse que o palhaço tinha de chegar trazendo alegria. Qual era a fonte da sua alegria?

Tiririca – Criança. Minha infância que eu não tive e eu botava *pra* lá. Eu pegava coisa de criança. Eu sempre busquei pegar coisa de criança. O "pusquê" (*imita a voz do personagem Tiririca*), eu peguei da minha irmã, a mais nova. Ela falava "pusquê". A minha "neguinha" (*refere-se à filha mais nova, Nanda Kauanny*), ela fala uns negócios legais *pra* caramba, que eu estou pegando também. Ela tem três anos. Tipo assim: "Calamba!", ela (*filha mais nova*) chama "caramba" de "calamba". O Tiririca usa essas coisas de criança. Eu jogava minha infância ali, eu vivia minha infância ali. De chegar e beliscar um menino, e sair correndo. Como criança faz, sabe? Ou se esconder num canto que não tem nada a ver... O cara que se esconde atrás de um cabo de vassoura e diz: "Me ache, duvido você me achar!" (*imita a voz de Tiririca, provocando risos da turma*). Eu busco esse lance de criança. Eu não fazia esse negócio na política? Eu falava assim: "Adivinha quem *tá* falando? Sou eu, abestado! O Tiririca!" (*usa as mãos para cobrir o rosto e imita a voz do personagem*). Quem não vai saber quem *tá* falando? Isso é coisa de criança! É muito massa. Eu jogo isso na minha atividade.

Thaís – Tiririca, chega um momento da sua história em que você resolveu romper com o circo da sua família e, junto com a Rogéria (*Rogéria Márcia, primeira esposa de Tiririca*), resolveu ter o circo próprio. Como foi essa nova fase?

Tiririca – O pai dela deu um circo *pra* gente, na época. O pai dela era ricão *pra* caramba! Dinheiro *pra* cacete, uma porrada de circo. Deu um circo *pra* gente, mas ele não foi *pra* frente. Ele começou a falar, e eu decidi entregar o circo *pra* ele. Então, fui em busca de conseguir minhas coisas só. Saímos em busca e montamos um circo, com a ajuda dos amigos, aqueles dos bairros por onde eu já passava. O pessoal me dava madeira, pano, essas coisas... E eu fui montando. Foi massa, ganhei dinheiro que só a porra, muita grana! No meu

"Eu não gostava de circo, e minha mãe vivia nesse negócio de circo. Eu não gostava dela se apresentando no circo, eu tinha vergonha!"

circo... O que é que eu fazia? Eu sou um cara muito inteligente. Eu pegava menininha nova e rapazinho novo, que não eram artistas de circo. Naquela época, todo mundo queria fugir com o circo. Você montava e "neguinho" queria ir embora com o circo, cara! Eu ia falar com os pais e tudo. (*perguntava*) Se os filhos tinham vontade... E os pais liberavam! O mais velho do circo era eu. O resto era rapazinho e moça. Então, os caras jogavam bola e a gente fazia amizade. O circo era lotado, amigo! Durante o dia, a gente fazia brincadeiras no circo. A gente fazia amizade. Os nossos amigos chamavam os amigos deles, e o circo lotava. Tinha a Escolinha do Professor Raimundo (*programa humorístico exibido pela Rede Globo de Televisão, de 1990 a 1995, e em 2001*), na época. E nós resolvemos colocar a Escolinha da Professora Raimunda. Era uma sátira. Antes dos caras fazerem sátira, eu já fazia isso no circo! Uma vez, o Tom (*Tom Cavalcante, humorista cearense*) pegou uma novela que eu fazia aqui, "A Viagem" (*referência à novela homônima, exibida em 1994 pela Rede Globo de Televisão*). O Tom levou isso *pra* escolinha (*do Professor Raimundo*), logo assim que ele entrou lá. E aquilo, *pra* mim, era coisa do outro mundo. Só eu e as pessoas que me acompanhavam sabiam que aquilo era meu. *Pra* lá a nível nacional, foi ele que criou. Mas a gente sabia que era da gente. Eu sou um cara criativo, eu não gosto de ficar na mesmice.

Camila – Em uma passagem pela cidade de Peritoró, no Maranhão, incendiaram o seu circo porque um macaco mordeu a mão de uma criança, que era filha de um coronel da cidade...

Tiririca – (*interrompendo*)... Naquela época, tinha muito isso. Eu acho que ainda tem, pelo Nordeste. O coronel não é da polícia, não. É aquele fazendeiro que é ricão e manda na polícia, em todo mundo ali. Mandaram tocar fogo (*no circo*), cara..

Camila – E o que você decidiu fazer a partir disso?

Ângelo e Everson nasceram antes do primeiro casamento de Tiririca, com Rogéria Márcia. Com ela, teve Eirilândia Márcia, Florentina Evelyn e Antônio Everardo. Com Nana Magalhães, a atual esposa, tem a filha mais nova: Nanda Kauanny.

Everson conta que Tiririca é mais amigo que pai. Revela também que recebe ajuda direta do pai para compor o Tirullipa, personagem que lhe rendeu contrato com a Rede Globo no final de 2012

Perguntamos se Tiririca tinha um local de preferência para a entrevista. O Teatro José de Alencar é um dos lugares preferidos dele em Fortaleza. Com o palco principal ocupado, o encontro ocorreu no Teatro Morro do Ouro, anexo ao prédio.

Tiririca – Me mandei *pra cá, pra Fortaleza*. Passei uns três dias *pra* chegar em Fortaleza. Pedindo carona... Foi um sofrimento da porra! Dormindo em posto de gasolina com a minha filhinha (*refere-se à terceira filha, Eirilândia Márcia*), que hoje tem 22 anos. Na época, ela tinha três aninhos. As prostitutas me ajudavam. Por isso eu tenho o maior respeito pelas prostitutas, porque me ajudaram *pra* caramba. Conteí minha situação *pra* elas. Dormíamos eu, minha mulher e minha filhinha no posto de gasolina, um paninho no chão... Quer dizer, elas dormiam, porque eu não tinha condições de dormir. Os carros iam encostando, eu ia pedir carona, mas os caras não me levavam a sério. Porque eu saí só com a roupa do corpo, estava sujo. Passamos três dias. As prostitutas desse posto arranjavam comida *pra* gente, roupa, tomar banho no banheiro... No terceiro dia, eu já estava fora de mim. Parou um caminhão, batendo... Batendo é quando não tem nada na carroceria. Eles vieram *pro Ceará pra* buscar coisas e voltar cheio. As meninas (*refere-se às prostitutas*) falaram: “Olha, esse caminhão toda semana desce. E tá batendo” “Quem é o motorista?” “É aquele cara lá”. Eu segui o cara. Era à tardezinha, umas quatro horas da tarde. Eu segui o cara, ele foi no banheiro. “Eu gostaria de falar com o senhor... Eu tô aqui...” e comecei a chorar! “Tô aqui com minha esposa e minha filhinha, o pessoal tá ajudando...”. E o cara mijando, não dava nem atenção. Eu disse: “Eu sou cearense...” e o cara saindo. Ele foi tomar café. Eu não aguentei, fiquei desesperado! Peguei nele assim (*levanta-se, simulando a situação*): “Ei, me escuta! Eu não sou vagabundo, não, porra! Eu só tô te pedindo uma carona!”. E todo mundo do restaurante olhando. “Tô te pedindo uma carona, sou do Ceará... Tu vai me dar uma carona? Fala sim ou não, só isso! Não quero te roubar, não quero nada...” (*gritando*). O cara só fez assim: “Sobe aí, no caminhão...”. Eu saí abraçando todo mundo, as meninas (*prostitutas*). Subimos (*no cami-*

“Eu usava aquilo pra colocar minha infância e falar o que eu tinha vontade (...) Eu, de Tiririca, eu falo realmente o que o Everardo não falaria”

A produção conversou com os dois filhos mais velhos de Tiririca no restaurante Beira Mar Grill. Everson se apresentaria no local como Tirullipa. Ângelo, o mais velho, também estava presente, pois é empresário e produtor do irmão.

nhão). A gente estava descendo a serra. Um frio! A gente chegou em Tianguá (*município do interior do Ceará*). Nós lá em cima (*na parte traseira do caminhão*), bem no cantinho *pra* não pegar aquele “ventão”. A gente ia abraçado, com minha filhinha no meio. O cara parou em Tianguá *pra* lanchar! E a gente lá em cima do caminhão, com fome... E na boleia (*cabine do veículo*) só vinha o motorista e um cara, um ajudante! Covardia, né? Ele parou, comeu umas coisas. Acho que Deus bateu no coração dele: “Você quer tomar um café, um negócio aí?” “Não, obrigado... Só a carona que o senhor me deu eu já fico agradecido” “Vem cá, tu me falou um negócio de circo... Que circo é esse? Ele, por acaso, esteve no Jóquei Clube (*bairro da cidade de Fortaleza*)?” “Estive! Eu sou muito querido lá, o circo vivia lotado”. “Rapaz, por que você não me falou? Meu filho não perdia uma atração sua! Você que é o tal do palhaço, o Tiririca?”. Eu conteí a história *pra* ele. “Desculpa, rapaz. Tava de cabeça quente. É muito assalto. Quer vir aqui na boleia? Deixa a criança e sua esposa virem aqui na boleia!” “Se elas quiserem ir...”. Coloquei as duas lá, e fui em cima sozinho. “Você quer que eu lhe deixe onde?” “Olha, pode me deixar ali na calçada, perto do Jóquei, que eu tenho um amigo lá”. Ele me deixou lá. Meu amigo, cedinho... O Jorginho, ele morreu. “Everardo, o que você tá fazendo aí?”. Eu conteí a situação *pra* ele. Ligou *pra* esposa, alugaram uma casa *pra* mim, fizeram uma feira *pra* dois ou três meses, *pra* mim e *pra* minha mulher... Eu comecei a fazer show ali pelo bairro, explicando que tinha perdido o circo, e que se alguém pudesse me ajudar, com pedaço de madeira, pano, fio, lâmpada... A galera foi me ajudando e eu montei um circo. Depois que eu fiz sucesso, ajudei esse meu amigo. Não por essa coisa (*refere-se à ajuda recebida*), mas por ser meu amigo. Ele estava com câncer e precisava de uma operação, não lembro o que foi... E eu estava bem na época. Fiz uns shows *pra* ele, mas ele acabou falecendo.

Murilo – Você começou a se apresentar em restaurantes e pizzarias nos anos 1990, ao lado da sua esposa, Rogéria. Como surgiu essa oportunidade de se apresentar fora dos picadeiros?

Tiririca – Foi na época que eu voltei (*a Fortaleza*), quando eu estava na casa que eles (*refere-se ao casal de amigos que o ajudou*) alugaram. Nesse período, um mágico de nome Sabugo, que fazia muitos shows de mágica, soube que eu estava no Ceará de novo e havia perdido o circo. Aí, me fez o convite: “Tu não tem coragem de ir a um show comigo e fazer esse teu show infantil?” “Tô dentro”. Ele me deu a oportunidade e eu fui fazendo. Ele fazia o show de magia, e eu fazia o show de

palhaço. Ele me levou *pro* Shopping Aldeota, *pra* eu fazer o aniversário de uns dos donos de lá... De umas das casas de lá, de nome Micheluccio (*pizzaria*). Mas eu fui do jeito que eu fazia *pra* criança: roupa de palhaço, pintura, peruca, sapatão de palhaço... Fiz o show. Juro por Deus que está no céu: mais de duas horas de show, e ninguém riu! Ninguém riu, ninguém riu, ninguém riu... Não consegui arrancar risada de ninguém. Quando terminou o show, o cara me pagou, e eu perguntei o que ele achou. Ele disse: "Olha, é muito bom. Agora... muito circo! O lance aqui é humor. Já ouviu falar do Tom Cavalcante? O lance é assim: cara limpa". Mas, existia aquele medo: eu, sem a pintura, a peruca, não fazia nada! Eu achava que a minha força fosse aquilo ali. Eu disse: "Não, mas eu nunca tirei a pintura... Mas se for (*necessário*)..." "Pois tire a pintura e venha *pra* cá, que eu vou pegar você às quintas-feiras aqui. Vai ser esse mesmo show aí. Tá fechado, já". Meu irmão, *pra* fazer o primeiro (*show*)... *Pra* tirar aquela pintura, eu tremia! Eu dizia: "Meu Deus, não vai dar certo, eu não vou saber falar a voz do Tiririca". Mas eu fui tirando aos poucos, deixei só um pouquinho de branco, menos vermelho, tirei aquele nariz que eu usava, peguei um vestido da mamãe e fiz como roupa... E fui! Mas ninguém ria, impressionante! Mais de duas horas que a gente fazia, e é tempo *pra* caramba, e ninguém ria. Mas toda quinta-feira era lotado! Mas sabe por quê? Você vem da periferia... E ali (*no Shopping Aldeota*) era o pessoal altamente (*refere-se ao poder aquisitivo de quem assistia ao show de humor*). Às vezes, você até olhava, e tinha uma mulher querendo rir, mas o cara cutucava ela *pra* não rir. Você via que estavam gostando porque lotava, mas não riam! Sabe o que eu fiz? Eu fui brincando com isso. Dizia, do palco: "Vamos fazer aqui, mas esses porras não acham graça não"... Já fui entrando no esquema deles. "Olha aí, faz é virar a cara!", e os outros achavam graça. "Só sabe é comer!". Levantava uma pessoa, e eu dizia: "Comeu, comeu e agora vai cagar" (*risos da turma*). E, olha, falar em merda com os caras comendo ali... Mas "neguim" achava graça da pessoa que se levantava! Aí o pessoal já evitava se levantar durante o show. Quando se levantava lá por trás, eu dizia: "Não se esconda não!". Quando um se levantava, o outro já apontava! Foi pegando. O que eu falava, era riso. Depois de sete meses, peguei meu público e pronto. Eu ia para as outras casas (*pizzarias e restaurantes*), e o público ia junto. Foi só correr *pro* abraço. O Tom (*Cavalcante*) me ajudou muito nessa época...

Camila – O Eriosvaldo Guimarães, dono do Shopping Pizza (*pizzaria da capital cearense*), falou, em entrevista à Revista Piauí, que você

tem uma ingenuidade chapliniana. Mas você teve influência de outros artistas *pra* compor o Tiririca ou é algo instintivo?

Tiririca – Criança. A criança é muito verdadeira, e o Tiririca é assim, entendeu? Eu peguei essa coisa da criança. Eu tenho minha filhinha de três anos e eu digo à mãe dela: "O que ela falar, vá atrás." Porque criança não mente! É impressionante. Uma vez, ela falou: "Mãe, tem uma aranha". Não dei nem muita atenção, mas quando fui ver tinha uma aranha mesmo! E criança fala na cara. Se tu tá fedendo, ela fala, maluco! Ela (*a filha*) dorme no meio da gente. A mãe dela acorda e vai falar com ela, e ela diz: "Mamãe, vire a boca *pra* lá" (*risos*). Eu nunca me liguei de tirar coisas de outras pessoas. Eu tento criar e pegar de criança. Se tem uma coisa que eu imito, é criança.

Thais – E quando você compôs a música "Florentina", que foi o que mudou realmente a sua carreira... Como foi a história dessa música?

Tiririca – Foi uma ex-namorada. Ela era do interior. Inclusive, ela viu o meu sucesso na época, eu cheguei a comprar uma casa *pra* ela. Ela morreu atropelada. Eu não fui ao enterro, *pra* não dar mídia a isso, entendeu? Mas eu achava o nome engraçado. O nome completo dela era Florentina de Jesus. No Jóquei Clube (*bairro de Fortaleza*), na época em que nós ficamos mais de dois meses no bairro... *Pra* ficar dois meses no bairro, o circo precisa ter repertório, porque o público é o mesmo todo dia. São as mesmas pessoas! Então, tu tens de ter repertório *pra* fazer uma coisa diferente. Teve um dia que eu entrei no picadeiro com um pandeiro e comecei a tocar "Florentina": "Florentina, Florentina, Florentina de Jesus, não sei se tu me amas, *pra* que tu me seduz?" (*declama o trecho da música em ritmo acelerado*). E a galera sabia que era a menina, a Florentina. E estava arrancando riso da galera! Eu dizia assim (*imitando a voz do Tiririca*): "Agora eu vou cantar *pro* senhor."

"O Tiririca usa essas coisas de criança. (...) Eu vivia minha infância ali. De chegar e beliscar um menino, e sair correndo. Como criança faz, sabe?"

Já Ângelo alerta que o pai continua a mesma pessoa que conheceu aos 11 anos de idade. Sobre a carreira política de Tiririca, afirma que o pai "é deputado, mas a ficha ainda não caiu *pra* ele"

Segundo Everson, Tiririca quase entrou em depressão quando foi pressionado pela opinião pública no início do mandato. O filho lembra o que disse o palhaço ao ser elogiado pela assiduidade na Câmara: "Chupa que é de uva!"



“Falaram pra eu definir como é que eu via o político, né? ‘Trabalha muito e produz pouco’. [...] É porque lá você tem vários projetos pra serem votados. Mas eles têm uma mecânica lá que eles derrubam (a votação)”

Edit quis conhecer pessoalmente a equipe de produção um dia antes da entrevista. Ela foi até o prédio da Comunicação na UFC e conversou com Marcello e Thaís. O papo sobre a convivência com Tiririca desde 2011 rendeu uma tarde inteira.

Não vou mais cantar essa música, vou cantar um rock. Que chama assim..." Eu começava a tocar "Florentina" em ritmo de rock! E as pessoas rindo. Quando eu gravei a fita cassete, eu joguei "Florentina". Quando eu fui *pro* estúdio, só tinha essa parte (*cantando e batendo na mesa*): "Florentina, Florentina, Florentina de Jesus, não sei se tu me amas, *pra* que tu me seduz?". Então, fui montando a historinha em cima (*começa a imitar a voz do personagem*): "Aí eu *tava* numa cidade...". Juro *pra* ti! É tanto que tem nesses karaokês aí, e eu não consigo cantar em cima da música. Sabe por quê? Porque não sei o tempo. É difícil, porque foi improvisado.

Marcella – O que você acha que "Florentina" tinha *pra* chamar tanta atenção, inclusive de uma gravadora do Sudeste?

Tiririca – É o seguinte: eu fui depois dos Mamonas (*Mamonas Assassinas, grupo musical de sucesso nos anos 1990. Os integrantes morreram em um acidente aéreo, em 1996*). O Brasil perdeu um grupo irreverente. Uma coisa que fazia tempo que não (*acontecia*)... Acho que nunca tinha acontecido isto: a história da música, do humor, igual aos Mamonas. Em seguida, vem um cara cantando "Florentina", que não tinha nada a ver, não era uma coisa pesada... Estava um oco desse tamanho no país (*faz um gesto expansivo*), por causa da perda dos Mamonas. Vem um cara cantando "Florentina", que não era uma coisa pesada... E eles faziam uma coisa pesada: "Passar a mão na bunda" (*refere-se a um trecho da música "Vira-Vira", do grupo Mamonas Assassinas*). Falar isso era um negócio louco! Vem a "Florentina", e foi só correr *pro* abraço. Nós, inclusive, pegamos o público deles também. Foi um negócio lindo, lindo! Fizemos um show, na época, em Guarulhos (*município do Estado de São Paulo*), e eles (*os integrantes dos Mamonas Assassinas*) eram de Guarulhos. Foi a coisa mais linda do mundo, aquela multidão!

Marcello – Tiririca, tanto o Ângelo quanto o Everson disseram na pré-entrevista que não tinham contato com você nos primeiros anos de vida, mas, depois do sucesso de "Florenti-

na", você tentou reunir a família...

Tiririca – (*interrompendo*)... Foi.

Marcello – Por que você escolheu fazer isso?

Tiririca – Não, não é "escolheu". É que eu sou um cara muito família. Só que a minha vida é muito torta em termos de... Eu tenho seis filhos com quatro mulheres diferentes, então é muito louco (*pausa*). O Ângelo e o Everson moravam em Fortaleza num bairro bem próximo. Um morava no Jôquei e o outro morava no Henrique Jorge. E não se conheciam. E eu que fiz essa junção deles. Tive o Ângelo primeiro, que é meu primeiro filho, (*que hoje tem*) 30 anos. A família (*do Ângelo*) não aceitava porque eu era de circo, então não tinha onde cair morto, certo? E eu fui ver o meu filho já com 11 anos de idade, o Ângelo. Doido *pra* ver, mas a família não... Fui ver com 11 anos de idade, já estourado aqui em nível de Ceará. Fui lá, paguei todos os atrasados de pensão, todos esses lances que ela (*a mãe de Ângelo*) gastou, e fiz questão de pagar pensão. Então, o que é que acontece? Não tivemos essa coisa porque não tinha como. É mãe diferente, então se separava ali: "Eu vou levar o filho". A mulher usa muito esse lance. Eu não tinha condições, não tinha nada de porra nenhuma, não tinha orientação de porra nenhuma, e ficava por isso. Com os onze anos, comecei a ter contato com ele, com o Ângelo. O Everson, eu fiquei com ele até os três anos de idade. E a gente (*refere-se a Região, mãe de Everson*) separou. E a mãe também botou (*Everson*) lá *pra* casa da vó, lá em Pentecoste (*município do interior do Ceará*). Depois que eu peguei o Ângelo e ia encontrar com o Everson, fiz a amizade dos dois. Na época da "Florentina", ele (*Ângelo*) devia ter uns onze anos. O Everson, uns dez anos, nove anos. Oito anos? Nove anos. (*risos da turma*)

Thaís – Eu queria, Tiririca, lembrar um momento da sua carreira quando houve um processo por que você passou em relação a uma música. O nome da música é "Veja os cabelos dela"... (*Em 1997, Organizações Não-Governamentais (ONGs) de promoção da igualdade racial moveram ação contra a música "Veja os cabelos dela", do CD de Tiririca*).

Tiririca – (*interrompendo*)... "Veja os cabelos dela"...

Thaís – Isso. E você foi acusado de ser racista.

Tiririca – Foi. Mas ganhamos em todas as instâncias.

Thaís – Por que você acha que isso aconteceu? Você acha que tem um limite entre a brincadeira e a ofensa?

Tiririca – Tem. Tem de ter um (*limite*)... Tem de ter, mas... É complicado isso (*pausa*). Eu já fazia show *pra* caramba e tudo. Mas só

"Pra tirar aquela pintura, eu tremia! Eu dizia: 'Meu Deus, não vai dar certo, eu não vou saber falar a voz do Tiririca'"

Edit acompanhava de longe a campanha de Tiririca. Quando viu que o artista havia conquistado uma vaga como deputado, disse para si mesma: "Vou assessorar esse cara". E foi atrás dele no final de outubro de 2010, mês das eleições.

pra cá (no Ceará), então não era em nível nacional. Quando eu fui (*sucesso*) a nível nacional, então eu era a bola da vez. O que falassem a respeito do Tiririca dava um lance maluco, certo? Então eles fizeram essa coisa. (*a música "Veja os cabelos dela"*) Não era música de trabalho, não era nada, era uma música perdida num CD, nunca tocou em rádio nenhuma, em programação nenhuma... Os caras foram buscar isso aí, entendeu? Como tinha música, no meu CD, de menino de rua... Porque, *pro* bem, eles não fazem essa porra... "Não se admire se um dia um menino de rua invadir a porta da sua casa, pegar um alimento e partir. Não condene esse menino, não chame ele de ladrão. Ele leva sol e chuva e ainda dorme no chão. Se você ajudar e prestar bem atenção..." Sei lá, um lance assim, uma música bacana. Eu fechava o meu show com essa música. Mas não, *pra* eles é coisa boa, então... Eles tinham de pegar um negócio ruim e *pra* dar buchicho. Porém, ganhamos em todas as instâncias. A gravadora (*Sony Music, que detinha os direitos da música, foi condenada pelo Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro a pagar multa de R\$ 1,2 milhão à Justiça Brasileira*) perdeu. Quando você vai *pra* um emprego, você tem de dar um currículo, *né*? O cara sabe tudo da tua vida, não sabe? O que você faz, o que trabalha... Artista é do mesmo jeito. Eu mostro o CD, e lá na gravadora tem o cara que sabe o que entra e o que não entra. Certo? E eles não tiveram esse cuidado. Só em lance de ganhar dinheiro... Eles não tiveram esse cuidado. Ouviram (*a música "Veja os cabelos dela"*) e falaram: "Não, isso aí não tem nada, não tem nada a ver, é uma brincadeira". Então pronto, deu no que deu. Eles perderam, a gravadora perdeu parece que umas duas vezes ainda. Foi um drama da porra. Mas eu não, que eu não tive intenção nenhuma de ferir ninguém. Mesmo porque eu chamo minha mãe de "neguinha", a minha filha é minha "neguinha", *né*? Eu adoro, gosto *pra* caramba. Essa cor, acho legal *pra* caramba. Porra, eu sou (*negro*) também, *né*?

Camila – Everardo, na Revista Piauí você conta que entrou na política por convite do então secretário geral do PR (*Partido da República*), o Valdemar Costa Neto.

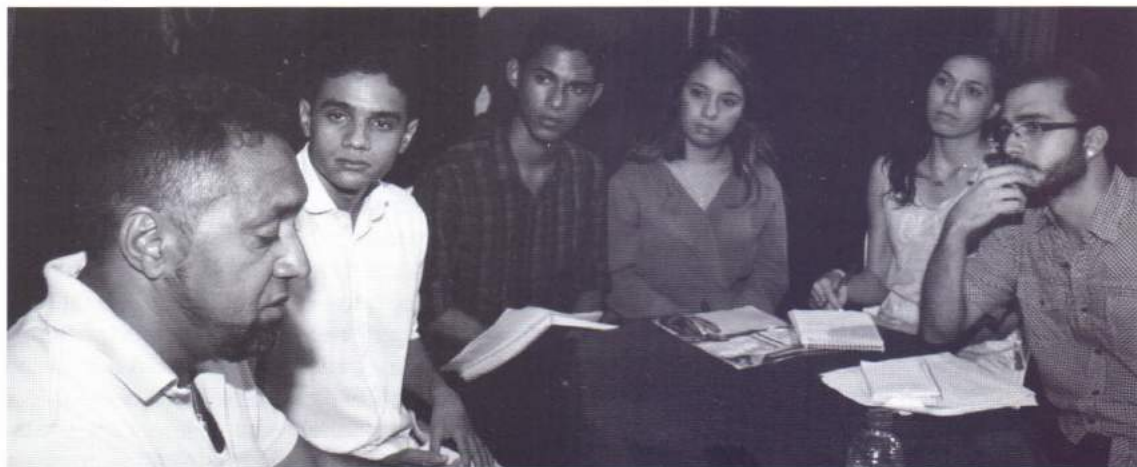
Tiririca – É.

Camila – Que hoje é um dos condenados do Mensalão (*esquema de corrupção política publicizado em 2005, envolvendo partidos políticos e repasse irregular de verba*). E o PR também é um partido cujos membros estiveram envolvidos em alguns escândalos recentemente, como o do Ministério dos Transportes (*em 2011, o então ministro, Alfredo Nascimento, do PR, foi afastado do cargo devido a denúncias de superfaturamento e pagamento de propina no Ministério dos Transportes*). Eu queria saber se você acha que esse contexto do partido influencia na sua atuação parlamentar e de que forma.

Tiririca – Não. Não, mesmo porque eu sou um cara muito "do certo". Se realmente errou, tem de pagar. É um erro. É um erro teu, tu tens de pagar. Agora não sou eu que vou falar isso. É a justiça competente aí que... Eu não tenho nada a ver com isso. Sou um cara que sou um dos melhores deputados do País, *né*? Eu tirei sexto lugar, melhor deputado do País, foram escolhidos 20. Eu sou um dos parlamentares que nunca faltaram. Eram 13, baixou *pra* nove, agora só são sete. Eu sou um dos sete que nunca faltaram. Isso é fantástico! Fazendo um trabalho bonito *pra* caramba, graças a Deus.

Thaís – Você costumava acompanhar política quando era artista circense?

Tiririca – Não. Eu não gosto, sabe? Não gostava. Eu vou explicar *pra* ti: eu não gosto do Natal. Essa data tão bacana, *né*? *Pra* muita gente é, mas eu não gosto. Porque eu nunca tive condições, eu vejo que tem muita gente que não tem condições, entendeu? De ganhar um presente... Enquanto você *tá* com a mesa lotada de comida, aquela coisa, tem gente que nem tem, maluco! Eu já passei por isso e eu sei que é um negócio muito chato, muito nojento. Eu não gosto dessa data, eu acho



O nome Tiririca foi um apelido dado pela mãe. Ele conta que vivia "tiririca da vida" por não conhecer o pai, por apanhar muito do padrasto e por ter uma infância muito sofrida.

Tiririca chegou ao Teatro José de Alencar com meia hora de antecedência. Pelo portão lateral do prédio, as pessoas que estavam na rua 24 de Maio chamavam o artista para cumprimentá-lo e tirar fotos.

“Campo de guerra” foi a expressão utilizada por Edit ao lembrar o dia da posse de Tiririca na Câmara. “Tinha gente do Brasil e do mundo todo esperando por ele.” Sobre a pressão que a imprensa faz sobre o deputado, ela resume: “É punk”.

“Estava um oco desse tamanho no País por causa da perda dos Mamonas. Vem um cara cantando ‘Florentina’, que não era uma coisa pesada”

uma data triste *pra* caramba. Eu lembro que a mamãe quando não tinha nada *pra* dar, aí era laranjinha num... Não sei se *pra* cá ainda tem, mas é um saquinho todo furadinho, saquinho amarelinho todo furadinho... Eu não sei se ainda tem isso, era maçã, era laranja dentro. Ainda tem essa porra aqui ainda? (*turma sinaliza que sim*) Então a mãe levava e botava, pendurava no punho da rede da gente, sabe? Tipo: “O Papai Noel vai passar” e você acreditava naquela porra de Papai Noel. Quando acordava, meu irmão... A laranjinha, a maçãzinha, sabe? Ô, meu irmão! Muito triste (*a lembrança*). Eu acho muito triste. Hoje é comida *pra* cacete. Eu fico mal *pra* caramba no Natal. Porque a hipocrisia é muito grande, sabe? E é ali... Governo não vê, ninguém vê, nem aí... Você vê aqui, nossa terra. Chove *pra* lá e não chove *pra* cá (*no Nordeste*). Dá *pra* fazer, tem água adoidado sim, de se furar poços. Tem, porra. Tem! Mas os caras (*políticos*) não deixam, meu irmão. Meu irmão... É foda!

Thamires – Tiririca, você hesitou em aceitar esse convite *pra* entrar na política e você chegou a consultar a sua mãe sobre isso.

Tiririca – É. Eu sou um cara muito assim. Primeira coisa que eu falo com ela: “Bênção, mãe? A senhora tá bem?”

Thamires – E por que você consultou a sua mãe?

Tiririca – Eu falei com a mamãe. A mamãe disse: “Olha, é legal, bicho. É legal porque se tu for eleito, tu vai ajudar muita gente”. Porque eu ajudo. Mas também não divulgo não, entendeu? Eu ajudo já da época de circo, sempre ajudei. Mas não divulgo, porque é uma coisa de Deus, é um lance meu. Ajudo *pra* caramba, eu ajudo financeiramente e ajudo da maneira que posso ajudar. E aí a mamãe falou: “Olha, já que tu gosta de ajudar as pessoas, é uma boa. Se tu for eleito, tu vai ajudar. E tu vai ser eleito, eu tenho certeza. Tu é muito querido”. Eu digo: “Não, mãe, eleito eu não vou não.

Mas é uma boa também *pra* eu me divulgar”. Por quê? Porque eu tô (*à época*) no Tom. O Show do Tom (*extinto programa de televisão, exibido pela Rede Record de Televisão*) vai (*ao ar*) tarde. Tô falando aqui *pra* vocês: até hoje a galera fala comigo por aí, lembram de mim na “A Praça é Nossa” (*programa exibido pelo Sistema Brasileiro de Televisão*) e não lembram de mim no Tom. Chegam e falam assim: “Porra, te assisti demais na ‘A Praça é Nossa’, tu com o Carlos Alberto (*de Nóbrega, apresentador do programa*), macho!” Muito invocado. “Quem é você?” (*diz com voz do personagem*). Porque ia (*ao ar*) muito tarde, o programa do cara (*refere-se a Tom Cavalcante*). Então só alguns que (*assistiam*), né? E eu digo: “Vou entrar na política, vou fazer um lance, vou me divulgar *pra* cacete. Isso vai ser em nível nacional nesse lance de Internet, essas coisas que tem. Vai ser uma divulgação. Vou tirar cinco mil votos, vou rir *pra* caramba e vou tirar brincadeira em cima disso. Vai ter comédia *pra* fazer”. Aí fui o mais votado, maluco! Não acreditei. Nós estávamos vindo, no aeroporto, e o meu filho (*Everson*) acompanhando: “Pai, o senhor já foi eleito.” Eu digo: “Meu irmão, vai se lascar, macho” “Tá aqui, pai. O cara acabou de passar um e-mail, coisando (*dizendo*) aqui que o senhor já foi eleito”. Eu digo: “Vai se lascar.” A gente no aeroporto de Guarulhos (*município do Estado de São Paulo*) *pra* vir *pra* cá (*Fortaleza*). Meu irmão, quando eu cheguei aqui em Fortaleza e desci no aeroporto, *tava* aquela multidão *pra* me receber. Eu não *tava* entendendo era nada. Não tive paciência... Paciência, não, eu não tive... Tranquilidade. Meu irmão, eu fui *pro* meu apartamento aqui (*em Fortaleza*). Descobriram o apartamento. Passei mal, no que eu fui *pro* hospital, me descobriram. Eu saí escondido. Saí escondido, me mandei e fui *pra* São Paulo, lá pras “brenhas” de São Paulo *pra* poder passar as férias por lá.

Thamires – Tiririca, você acha que você tem condições de repetir essa quantidade de votos? (*Tiririca obteve 1,3 milhão de votos no Estado de São Paulo em 2010*)

Tiririca – Não, não.

Thais – Por que não?

Tiririca – Porque eu não vou! (*risos da turma*). Não vou mais (*refere-se à reeleição*). Não vou, não. Não vou mais entrar e não vou.

Thais – Mas a gente pergunta se esse número de votos se repetiria.

Tiririca – Eu acho (*que sim*). Eu acho pelo meu trabalho, que eu tenho feito. Eu acho. Eu acho que poderia repetir. Eu acho que poderia, ou até mais. Eu acho que eu poderia empatar com o Enéas (*Enéas Carneiro, ex-deputado federal, o mais votado da história do Brasil com 1,5 milhão de votos em 2002*) ou passar

Uma dúvida inquietava os alunos na preparação para a entrevista: deveríamos tratá-lo por Tiririca ou Everardo? O próprio entrevistado nos deixou à vontade. “Eu nem sei onde começa um e termina o outro”, disse à produção.

na frente pelo trabalho, pelos elogios que eu venho recebendo por onde eu passo. É a coisa mais linda do mundo. Tem pessoas que chegam assim e dizem: "Olha, eu nem gostava de você como artista. Mas você mostra *pra* esses ladrões aí...". Isso é muito massa, macho! O gabinete mais coisado (*visitado*) é o nosso.

Larissa – Everardo, o que fez você não querer se recandidatar?

Tiririca – O que fez é que não dá mesmo *pra* você fazer nada, não tem como. Dá *pra* você fazer o básico. Porque se todos fizessem o básico... É o que eu *tô* fazendo. Mas o negócio é tão assim, tão feio... Eu *tô* fazendo uma coisa que é minha obrigação. É muita coisa, entendeu? Se todos fizessem o que eu *tô* fazendo, é coisa *pra* caramba. Mandando as verbas que você tem, *né?* *Pro* lugar certo, sabe? Não faltando... Apresentando projetos, e eu *tô* apresentando projetos bacanas. Votando certo... *Tá* entendendo? Não deixando me levar por isso ou aquilo. Eu voto de acordo com a minha consciência. Partido, governo não fazem a minha cabeça, não.

Camila – Em 2010, antes de você assumir o mandato, você teve de provar que era alfabetizado.

Tiririca – Foi.

Camila – Além disso teve outra questão que não foi muito publicizada. Tinha uma investigação também sobre ocultação de bens (*de acordo com denúncia do Ministério Público Estadual de São Paulo, haveria omissão da declaração de bens no pedido de registro de candidatura*). O que foi que aconteceu?

Tiririca – Eu não sei, esse negócio de ocultação de bens eu não sei. Porque eu não... Isso é um lance que eu não, não teve nada dessa porra. Esse lance de bens foi o seguinte: eu separei da minha ex (*refere-se à ex-esposa, Rogéria*) e deixei tudo com ela. Ficou tudo no nome dela. Tudo, tudo, tudo, tudo, tudo. Vocês não sabem. Eu comecei do nada de novo. Eu com o maior sucesso, "Florentina", estouradaço... Eu comecei do nada com a minha recente (*quis dizer atual*) mulher. E conseguimos até mais do que a gente tinha, do que eu deixei com a mulher (*refere-se a Rogéria*). E a mulher ainda mandou os filhos *pra* gente criar, e essa minha ex (*queria dizer atual*) criou os três filhos meus. Atual! É a atual, a ex não.

Alissa – Everardo, você foi eleito sem fazer nenhuma promessa e sem ter uma bandeira de campanha. Quando e por que você decidiu que iria atuar a favor dos artistas de circo?

Tiririca – Porque é a minha praia. Eu sou circense e acho que seria até uma covardia se eu não entrasse nesse esquema. Porque o artista de circo é totalmente desprotegido. Ele chega a uma certa idade e não tem aposentadoria, não tem nada, e o cara não pode fazer

mais (*nada*). Porque o trapezista, ele vai só até certa idade. Então é complicado. Olha, depois que eu comecei a bater nessa coisa, abriram mais para o lance do circo, nos programas de televisão falam mais de circo. Artista falando que é circense, que eu nunca vi na minha vida, porra! O cara tinha vergonha de falar. E fizeram até o filme agora do menino também, fizeram o filme e tudo, *né?* Do... (*alunos dizem: Selton Melo*). Eu ia até participar desse filme (*em referência ao filme "O Palhaço", de 2011*). Que é premiado, bem premiado e tal, falando do circo. Isso é bacana, isso é legal. É uma classe muito esquecida.

Alissa – Os artistas de circo, na verdade, são uma parte muito pequena do seu eleitorado, não é?

Tiririca – Sim.

Alissa – Você acha que está conseguindo, com o trabalho que você faz, representar bem esses mais de um milhão de pessoas que votaram em você?

Tiririca – *Tô* representando bem porque não *tô* roubando, *tô* fazendo certo... Olha, são 513 deputados. Eu sou um dos sete que nunca faltaram. Dois anos já (*de mandato*). Sou um dos sete. São 513 deputados federais, sou um dos sete.

Camila – Por que você optou por não faltar?

Tiririca – Não, eu *tô* fazendo meu trabalho. Eu não sou pago *pra* isso? Eu sou pago! Sou pago *pra* isso, sou pago *pra* apresentar projeto, sou pago *pra* trabalhar a favor do povo, porque foi o povo que me colocou lá, certo? *Pra* comparecer, eu sou pago *pra* votar, *pra* fazer as votações, votar a favor do povo. Então eu *tô* fazendo.

Marcello – E por que você acha que só uma minoria consegue comparecer?

Tiririca – Aí você tem de perguntar a esses filhos da puta aí. Porque eu tenho uma coisa que inclusive a gente fala muito isso, eu tenho esse esquema assim, que é até do Abraham Lincoln (*refere-se ao ex-presidente dos Estados Unidos*), essa coisa. A Edit (*Silva, assessora de Tiririca*) até passou *pra* mim: "Seja lá o que você fizer, faça bem feito". Eu tenho esse lema comigo. Seja lá o que você fizer, faça bem feito. Então esse lema é muito massa, entendeu? Tem um cara que eu trabalhei lá na política, na época que eu podia fazer show. Ele morreu, era de Itapipoca (*município do interior do Ceará*). Ele falava o seguinte: "Olha, você tem que ser o melhor. Que seja engraxate, mas que seja o melhor". Isso é muito massa, maluco! Eu não quero ser o melhor. Mas eu quero, eu quero fazer por onde. Eu não sou pago? Eu sou pago, ganho uma grana da porra, macho. Político ganha uma grana da porra. Se fosse pela grana, se fosse *pra* fazer igual esses outros aí, eu nem entrava. Eu vou sujar

Junto a Tiririca estavam Edit, o segurança pessoal Fernando e o "braço direito" João. Cleide, amiga de Edit, conhecia o projeto da Revista Entrevista ao folhear a edição anterior no momento da entrevista.

Ao saber que Tiririca seria entrevistado pela turma, vários amigos perguntaram se poderiam assistir ao momento da captação. Eles não puderam, mas alguns funcionários do teatro sentaram na plateia e ouviram tudo de onde estavam.

No dia da entrevista, o deputado estava barbado e brincava dizendo que parecia Abraham Lincoln. E disse não ter problema em mudar de visual: "Se eu vier de mulher, o pessoal vai dizer... Olha aí, é o Tiririca que está de mulher!"

o meu nome? Um nome que foi foda pra conseguir fazer? Foi foda, amigo! Foi assim, ó. (*faz gesto limpando suor da testa*). Pra estar no meio dos grandões aí, dos artistas. Eu sou um dos melhores comediantes do País, porra! Eu tô no meio dos grandões aí. Então eu vou sujar o meu nome por causa de dinheiro? Você entendeu? Eu não vou, eu não sou doido! O mínimo que eu posso fazer (*é comparecer*). Não dá pra se fazer mais coisa. Não dá, não tem como se fazer mais. O que é que eu tô fazendo? Não entro nos esquemas errados deles (*refere-se aos políticos*). Faço meu esquema direitinho, faço minhas coisas direitinho.

Murilo – Até você se candidatar e ser eleito, você não tinha nenhum envolvimento com a política...

Tiririca – (*interrompendo*)... Não. Por causa desses lances aí, dá pra fazer e não fazem...

Murilo – Então como é que você fez para se preparar para assumir esse cargo?

Tiririca – Tô falando do fundo do meu coração pra vocês. Depois que eu fui eleito foi que eu meti as caras. Eu digo: "Eu não vou ser eleito, maluco. Eu vou tirar cinco mil votos e vou brincar com isso. Eu sou comediante, eu vou brincar com esse lance." Tu tá entendendo? Como é? Me fala. Fala, agora fala pra

Era foda, era foda! Foi cansativo, foi horrível! Mas você só encontrava pessoa que dizia assim... Sabe o quê? (*levanta-se*). Eu em cima do carro, uma mulher varrendo aqui (*aponta pra baixo*). E eu em cima do carro no som, e a mulher dizendo: "Desça daí! Desça daí! (*gritando*) Você não é pra 'tá' aí não, seu ladrão! Desça daí! Você vai fazer o quê? Roubar! Roubar! (*faz gesto de roubar com as mãos, todos riem*). Desça daí, vá trabalhar!" ... E eu soltando beijinho pra ela. E tinha local em que o pessoal chegava e dizia assim: "É isso aí mesmo, vou votar em você. Você é sincero. Você tá falando a verdade mesmo. Que Deus te abençoe, vou votar em você mesmo. Pode enricar, vai ficar rico, vai ajudar sua família. É isso mesmo!" (*risos da turma*). Bicho, tinha gente que odiava, né? Um palhaço fazendo um negócio daquele ali, com umas palhaçadas daquelas? Tá entendendo? Mas foi massa. A partir do exato momento em que eu fui eleito... Eu digo: "Rapaz, o negócio é sério." Mais de um milhão de votos, doido? O primeiro do País e o segundo da história do País. Só perdi pro Enéas (*Enéas Carneiro, ex-deputado federal*). O segundo da história do País, é coisa muito grande, maluco!

Ed – Você não achava que ia ser eleito, não é? E no primeiro dia, quando você começou

"Vou tirar cinco mil votos, vou rir pra caramba e vou tirar brincadeira em cima disso aí. Vai ter comédia pra fazer'. Fui o mais votado, maluco!"

mim: vocês achariam que eu ia ser eleito? Não, do fundo do coração (*turma fica em silêncio*). Não, fala! Vocês achariam? Eu falando pra galera assim: "Vote em mim, que eu vou tirar as crianças da rua e vou botar nas calçadas. Vote em mim, que eu vou ajudar os mais necessitados, inclusive a minha família..." Meu irmão! Tu vais votar em um cara desse? Então a galera votou por quê? Porque eu tava sendo sincero. Mas, eleito sendo, eu não ia fazer uma loucura dessa, né? Não prometi nada. Eu cheguei a gravar o programa de Everardo dizendo assim: "Eu prometo não sei que e tal" (*faz gesto sinalizando o uso de uma gravata*). Cheguei a gravar. Eu falei: "Meu irmão, eu não vou falar isso pro meu público. Eles vão saber que eu tô mentindo nisso aqui. Eu não vou conseguir fazer isso nunca". Rapaz, os caras prometem coisas que deputado não tem condições de fazer. Que nem o governo tem condições de fazer. E eles prometem. Então, meu irmão, votaram porque "o cara tá falando a verdade". Eu saía nas ruas. Eu saí nas ruas, porra! Não foi só televisão, não. Todo dia eu saía nas ruas.

mesmo, como é que se sentiu assim que você entrou na Câmara?

Tiririca – Foi foda! Sabe por quê? Presta atenção. Eu me preparei, eu me preparei, pronto. Eu fui eleito, certo? Aí "bumba", me preparei estudando essa Constituição. Puta que pariu, macho! (*Edit intervém e lembra que Tiririca também estudou o regimento interno*) E o regimento interno... Vixe, e esse regimento interno! Porque tem muita coisa que tu não pode falar, macho. Eu tô falando aqui... As palavras que eu tô falando aqui não posso usar lá, não. Se você for falar, não pode. É "Vossa Excelência", é não sei o quê... (*faz gesto sinalizando o uso de uma gravata*)... É uma onda da porra (*risos*). Quando eu tô entre os caras, os caras gostam de mim porque eu sou assim. Eles são todos cheios de putaria, macho! Os caras não falam palavrão, os caras... Ave Maria, se falar um lance lá, os caras ficam tudo... Agora quando eu tô no meio deles, eles gostam. Eles acham bacana. Mas lá dentro (*da Câmara*), é foda. Às vezes tá lá, a coisa mais séria do mundo... Eu falo no ouvido de um, e

Minutos antes da entrevista, Edt revela ao humorista um detalhe sobre um dos membros da produção: "Olha, o Marcello é de Canindé". Tiririca sorri e diz que a mãe é devota de São Francisco, padroeiro da cidade. "Por isso que eu me chamo Francisco".

digo: "Esse bicho é muito sei não..." (*se vira pra Marcello e cochicha*). Falo alguma besteira que o cara fica rindo numa reunião e tudo. Eu falo só entre ele e eu aqui, sabe? Os caras: "Para, para! Brincadeira, macho!" Reunião do partido... Meu irmão, eles falam a mesma coisa, eles não agem em nada. Toda reunião é a mesma coisa. Chegou numa hora lá, teve um dia lá, eu disse: "Poderia dar só um aparte aqui?". Todo mundo falou "pois não". "Gostaria de ir pra lá..." (*se levanta*) Os caras que já me conhecem já sabem que é putaria, né? (*risos da turma*). Eu já saio pra lá, eu vou aqui no meio (*se posiciona entre Murilo e Thami- res*) Os caras já tinham falado uma porrada de coisa. Eu vou aqui no meio e digo: "Olha, o que eu acho é o seguinte. A diferença é muito diferente da diferença que você diferenciou. Vocês confundiram as consequências com as emergências cabriocárias. Muito obrigado" (*volta pro lugar*). "Nequim" quer achar graça e fica naquela... Quando acaba a reunião, o cara disse: "Rapaz, tu é foda, macho. Tu é foda", um deputado lá (*falou*). "Macho, tu é foda. É isso mesmo, macho. Ninguém falou nada, só você que percebeu que ninguém falou nada com nada". Sabe? O cara fica, vira meu fã nesse

coisa e tal... Ternos caríssimos. Eu comprei terno caro pra cacete. Eu cheguei pra Edit e disse: "Edit, eu não aguento mais não! Tenta saber o que não pode deixar de usar". A Edit se informou lá e disse: "Olha, o que não pode é tirar a gravata, o paletó e tirar o sapato... Vir de chinelo, essas coisas". Eu digo: "Então, beleza". Eu ando assim, de calça jeans e tal. Boto o blazer em cima e gravata, e (*uso*) sapato. Sapato, tênis, não tem essa não... No meio deles (*os deputados*). Pra mim, foi a maior (*dificuldade*). Alguns deles realmente não se interessam mesmo por nada. Às vezes, na votação, o "nequinho" não sabe nem em que é que tá votando. Eles chegam lá de uma reunião ou de uma coisa: "Ei, já votaram aí, não? Tão votando sobre o quê?" "Não, sei lá, macho..." "Aí vota sim ou não? Não ou sim?"... Vão os colegas lá e votam. Às vezes é uma coisa importante. E eu fico ligado. Quando eu não sei de alguma coisa, que eu tô perdidão, a minha assessora tá do meu lado lá direto. Eu tô viajando pra cá (*Fortaleza*), não tô? Pra cá, de férias. A Edit me liga quase todo dia: "Olha, aconteceu isso, isso e isso". Eu não sou muito de assistir televisão, eu não gosto. "Isso, isso e isso. Fique por dentro disso porque pode vir alguma

Tiririca deixou transparecer, em algumas respostas, uma paixão: o futebol. Mas, segundo o filho mais velho, Ângelo, um dos piores defeitos do pai está justamente nesse campo: torcer pelo Flamengo.



lance. Quando eu saí de novo (*se levanta*): "Eu vou pedir licença, eu vou sair... Então tchau". Apaguei a luz e saí. Deixei a sala toda no escuro. Eu quebrei o clima ali da coisa, daqueles bichões. Eu quebrei o clima. Só que num lance daquilo (*da Câmara*) não dá pra você brincar, né? Na hora de votação, cada um vota de acordo com o que achar. Uns votam pelo partido, outros votam porque fizeram acordo... Eu não.

Camila – Everardo, e que tipo de pressões você enfrentou por ser um humorista ocupando cargo de deputado?

Tiririca – Logo quando eu cheguei, nos três primeiros meses, o que a galera achou? Achou assim: "Esse bicho vai fazer palhaçada com a gente". Porque antes de ser deputado, a gente tinha um quadro no (*programa do*) Tom Cavalcante, em que eu já era deputado Tiririca, fazendo palhaçada com os caras (*refere-se aos deputados federais*). Os caras disseram: "Pronto, isso aqui vai acabar com a gente". Foi totalmente diferente. Respeito o trabalho dos caras. Os caras me apoiam pra caramba. Pra mim foi difícil, porque aquele paletó, aquela

coisa, (*podem*) perguntar..." Ela me passa, ela é uma boa assessora. Ela me blinda de uma tal maneira...

Alissa – Everardo...

Tiririca – Fale, minha filha. É que eu gosto muito de conversar.

Alissa – Os seus primeiros meses de mandato foram muito difíceis.

Tiririca – Foram, os três primeiros.

Alissa – O seu filho Everson disse que você quase entrou em depressão.

Tiririca – Foi.

Alissa – Por que é que você resolveu continuar? Por que não abandonar?

Tiririca – Porque eu sou foda (*risos da turma*). Eu sou foda, eu sou foda, eu sou foda. É aquela coisa, né? Seja lá o que você fizer, seja bom nisso. Eu digo: "Bicho, muita gente acreditou em mim, cara. Aí eu vou pular? Vou envergonhar a galera? Vou sair fora, né? Vou envergonhar a galera confiando que eu vou fazer alguma coisa? Não, bicho! Vamos meter as caras aí. Vamos mostrar pra esses bichos". Pronto. Hoje, meu irmão, hoje é muito mas-

Um aspecto surpreendeu a equipe de produção: a quantidade de palavrões na fala de Tiririca durante a entrevista. Antes da transcrição, surgiu a ideia de contar quantas vezes a palavra "porra" apareceria. A falta de tempo não permitiu.

Em alguns momentos da entrevista, Tiririca se levantou e se afastou da mesa para expressar melhor com gestos o que contava. Por vezes, apenas ficava em pé com os braços apoiados na cadeira.

sa. Hoje eu deito e rolo. Já sei andar por tudo quanto é canto lá dentro.

Marcella – Você se considera um político hoje?

Tiririca – Não. Não sou político. Nunca me considere um político. Mas eu sou um artista que estou político. Eu estou político. No momento, eu estou político. Mas não me considero político. Político, eu vou falar *pra* ti... *(pausa)* Todos nós somos e não somos. Se quisermos ser, nós somos políticos. Não é só político essa coisa da politicagem mesmo. É em tudo, em tudo tem de ser político. E eu não sou, cara. Eu não sei por que que eu aconteci *(na política)*. É porque eu sou muito autêntico. Mas não é *pra* ser assim, entendeu? O cara é *pra* ser político. Se meu filho entrasse *(para a carreira política)*, ele não sairia nunca mais. Ele é político, meu moleque é político.

Thais – Você fala do Everson?

Tiririca – O Everson. Ele é político. O outro já não é, o Ângelo. O Ângelo não é.

Larissa – O que você pretende fazer nesses dois anos restantes de mandato?

Tiririca – Continuar o trabalho que eu *tô* fazendo. Se Deus quiser, eu pretendo não faltar nunca. Se Deus quiser. E é isso. *Tô* fazendo um trabalho bonito, não é, Edit? *(Edit lembra de projetos a serem apresentados)*. E *(pretendo)* apresentar outros projetos. E se algum projeto for aprovado... Se for, é maravilha. Se não for, eu já *tô* fazendo a minha parte, entendeu? Eu *tô* fazendo a minha parte bem feita. Se vocês acompanhassem, vocês iriam ver. Se todos eles *(deputados)* fizessem o que eu *tô* fazendo... Era muito massa, cara! Eu não *tô* fazendo nada a mais do que minha obrigação.

Thamires – Tiririca, que imagem você tinha da política antes e depois de entrar no Congresso?

Tiririca – *Tá*. *(pausa)* Sempre a minha imagem *(sobre os políticos)* foi negativa. Eu achava que não trabalhavam. “Esses caras não trabalham. Estão lá só *pra* ganhar dinheiro”. Mas trabalham sim! Tem muitos lá que trabalham.

“Eu sou circense e acho que seria até uma covardia se eu não entrasse nesse esquema. Porque o artista de circo é totalmente desprotegido”

A turma previa que a entrevista seria engraçada. Era perceptível o esforço de alguns para retornar ao estado de concentração, principalmente quando a voz do personagem Tiririca ou algumas expressões regionais apareciam.

A maioria, realmente. Cara, é compromisso em cima de compromisso, é muita loucura... Votação, não sei o quê... Você fica doido, pirado. O meu esquema é *(outro)*... Artista é só estar preparado *pra* fazer o trabalho lá, meu show e tal. Lá *(no Congresso Federal)* não, lá é direto. E a gente, que terça e quarta recebe o pessoal lá *(no gabinete)*, então nós trabalhamos *pra* caramba. Recebemos as pessoas. São pedidos, são fotos, são sugestões, projetos, não sei o quê... É uma porrada de coisa. Trabalha *pra* caramba, cara! Vocês não têm noção do quanto trabalha. Falaram *pra* eu definir como é que eu via o político, né? “Trabalha muito e produz pouco.” Saca? Trabalha muito, mas produção, que é bom, é muito pouco. É porque lá você tem vários projetos *pra* serem votados. Mas eles têm uma mecânica lá que eles derrubam *(a votação)*. A turma que não quer votar derruba os que querem votar, acaba não dando quórum. Acaba um, entrando outro *(projeto)*. Cai e vai tudo por água abaixo. Tem dia lá que você... Porra, é foda, maluco! Não vota porra nenhuma, não votou nada. Projetos grandiosos *pro* País!

Camila – O que é que você acha que lhe atrapalha mais nessa dinâmica da Casa?

Tiririca – O que me atrapalha? Sabe o quê? São os interesses diferentes. Interesses próprios, interesses do governo, interesses não sei de quê... Tipo assim: “A nossa turma aqui só vota nesse projeto aí se botarem o nosso em pauta também ou se aprovarem o nosso.” *Tá* entendendo? “Ou se indicar uma pessoa que eu quero *pra* não sei o quê”.

Marcello – Tiririca, como deputado federal, a sua visibilidade aumentou, não é? Qual é a sua opinião sobre a abordagem que a imprensa dedica ao seu trabalho?

Tiririca – Ao meu trabalho? Cara, eu vou falar um lance *pra* vocês: a imprensa nunca foi legal comigo. Juro! Nunca divulgaram coisas boas assim que eu fiz, nunca foram legais. Mas é isso, nunca foram. Tipo esse lance da *(música)* “Veja os cabelos dela”. Tinha música lá no coisa *(CD)* que eles podiam divulgar, músicas que falavam de coisa bacana. Tipo a “Florentina” mesmo. “Florentina” foi uma das músicas mais executadas no País, cara. Até fora do País. E nunca ganhei prêmio nenhum. É um negócio maluco, eu não entendo. Foi uma das músicas mais tocadas, mais tocadas, mais tocadas de todos os tempos, nós fizemos um levantamento. E nunca ganhei nada. A “Veja os cabelos dela”, eu ganhei um processão doido. Agora a imprensa agora *tá* pegando leve comigo porque não tem, eu não deixei brecha *pra* eles. Eu como político que estou. Não tem brecha. Eles vão falar o quê? Podem não falar bem, mas também não vão falar mal. Não tem o que falar, não é? Nós estamos trabalhando

direitinho.

Thaís – Tiririca, estamos nos encaminhando para o final da entrevista, e eu gostaria que você fizesse uma avaliação. O que foi que mais lhe surpreendeu nesse exercício do cargo de deputado?

Tiririca – O que mais me surpreendeu? Foi o seguinte: pessoas que assistiam o meu trabalho, que já gostavam de mim e nunca falaram. E eu como deputado... Eles chegaram e mostraram no celular vídeos meus e tudo, que curtem meu trabalho. Como deputados, como pessoas que... Sabe assim? Do alto nível de pessoas... Que nunca chegaram *pra* dizer assim que curtem o meu trabalho. Diziam: "Eu vou tirar uma foto com você porque se eu chegar em casa sem essa foto, a minha mulher me mata". Ou: "Meu filho te adora, meu filho desde pequeno escuta "Florentina". Então foi o que mais me surpreendeu. Esse medo de dizer que gosta do popular. Essa vergonha de dizer assim: "Eu gosto do cara". Sabe, meu irmão? Isso me surpreendeu. É um preconceito louco assim. Eu não sei por que é isso. E a partir do exato momento em que eles passam a conhecer a pessoa, vai tudo por água abaixo. Isso é muito massa, cara. Tu acredita que eu faço show na casa da galera? Não como comediante, e sim como cantor. Porque eu canto. E eu faço, não é não, Edit? Eles me chamam, a gente faz show no churrasco, nas coisas, nos aniversários. Eles contratam banda, e a gente vai lá fazer show. É muito massa. Eu canto o repertório de músicas que serve *pra* classe deles, sabe? E canto o repertório brega. Meu irmão, quando eu começo a cantar brega... Você vê os "nequim" saindo da cadeira. Juro *pra* ti. É deputado, é senador saindo da cadeira... "Canta aquela lá!" (*gritando*). Qualquer evento eles querem que eu vá cantar lá e me contratam. Contratam não, não me dão dinheiro não. Eu vou, a gente canta a noite todinha.

Camila – O que você vai fazer quando o mandato terminar?

Tiririca – Dar sequência (*à carreira artística*). O meu CD *tá* saindo agora. Sai agora. Vou dar sequência aos meus shows e às minhas apresentações na televisão, cara. Eu *tô* morrendo de saudade. Doido, doido, doido, doido... Tem dois anos que eu não faço show. Acredita nisso? Não tem tempo. Louco, *né*?

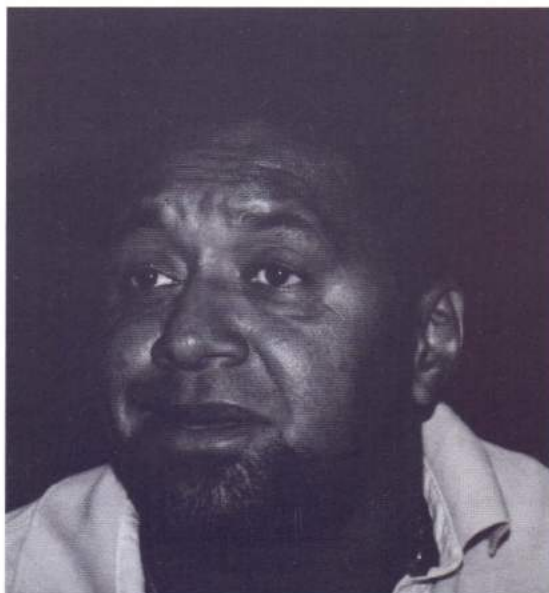
Marcella – Você no futuro pensa em se candidatar a outro cargo político?

Tiririca – Não, não. Juro *pra* ti. Porque não dou *pra* isso não. Você tem de ser político. Tem de ser político, cara. Você tem de engolir muita coisa. Eu não engulo muita coisa não. É ruim. E fica ruim. E você se queima, entendeu? Se queima no meio deles lá. Eu não me queimo porque eles já sabem que eu sou desse jeito. Então eles me respeitam e respeito eles

também. É tanto que você viu aqui que eu não meti o pau em nenhum deles nem vou meter o pau. Se vocês perguntarem se trabalha, trabalha *pra* caramba. Muito. Trabalha muito. Agora produz pouco porque há interesses, *né*? Jogo de interesses, é complicado.

Thaís – Everardo, agora a gente vai fazer a última pergunta para concluir aqui a nossa conversa. Bom, depois de ter passado pela fama, de ter vivenciado outra realidade dentro da política, o que você guardou do palhaço que fazia as pessoas rirem tanto no interior do Ceará como em Fortaleza? O que ficou desse palhaço depois de tanta mudança?

Tiririca – Só a mesma coisa. É o mesmo palhaço, em condições melhores, *né*? É a mesma coisa, sou a mesma pessoa, sou humilde *pra* caramba, graças a Deus. E acho bonito ser assim. É legal, passo isso pros meus filhos. Acho muito lindo, é bacana *pra* caramba. Sou um bom pai, sou um bom marido, sou um bom filho. Não sou bom irmão porque a gente não tem... Não é que eu não me dou com eles, que eu me dou com todos eles. Mas a gente não tem papo, não tem diálogo, não temos... Nossas cabeças não são... Mas conselho eu dou, falo *pra* eles *pra* caramba, mas estamos aí. Não mudou nada, cara! Assim, tenho só condições. Porque hoje eu posso comer, *né*? Hoje eu posso comprar o que eu não podia comprar. Isso é muito massa. É muito legal, cara, uma coisa linda. Mas é a mesma coisa, é o mesmo lance. Tanto que eu *tô* voltando *pra* morar no Ceará. *Tô* voltando *pra* morar aqui, maluco. Eu gosto demais daqui, eu me sinto muito bem. E é isso, cara. Vivo a vida legal, não tenho frescura com nada. Não sou fresco com coisa nenhuma. Sou um cara muito tranquilo. E muito brincalhão. O meu defeito é ser muito brincalhão, eu levo as coisas na brincadeira. Tudo, tudo, tudo...



No mês seguinte à entrevista, surgiu a notícia de que Tiririca havia pintado o cabelo de loiro. A primeira foto com o novo visual foi tirada ao lado do barbeiro e do deputado Popó (PRB-BA).

Após meses afastado da televisão, Tiririca recomeça na Rede Record em fevereiro, dias após a entrevista. Ele estreou um quadro em que responde as perguntas das pessoas, sobre os mais diversos assuntos. Tudo, claro, com muita piada.

Após a entrevista, alguns membros da turma voltaram à UFC para as habituais partidas de Uno. Os alunos lembravam expressões usadas por Tiririca enquanto jogavam. "Calamba" e "desça daí" foram incorporadas às piadas internas.



A edição da entrevista foi concluída na madrugada do último dia de atividades antes do recesso de Carnaval. No dia seguinte, Marcello e Thaís viajarão com Marcella para Ubajara, cidade da região serrana do Estado do Ceará. A quantidade de alunos da UFC online no Facebook (fazendo trabalhos) era surpreendente.